

“Hà um tempo para calar e um tempo para falar” assim recita o eclesiaste. E para falar existem as palavras que vivem a sua trágica ambivalência de ser verdadeira a falsa ao mesmo tempo. Hoje, infelizmente, revelando a veia falsa, a mentira.

* O “900”, o século breve, na Europa, conheceu, da uma parte, o grande desejo da humanidade de livrar-se da miséria e das injustiças e, da outra parte, a tragédia dos regimes totalitários de matriz diferente que marcaram a história e que condicionou populações inteiras, muitas inteligências e provocou destruições, grandes lutos, imensas tragédias.

* Se da uma parte pode-se afirmar que a respeito do totalitarismo de matriz nazi-fascista o processo de revisão cultural, política, jurídica, institucional em cada país e no resto do mundo foi amplo (mesmo que a memória vá mantida a cordada), da outra parte não se pode dizer a mesma coisa a respeito do regime totalitário de matriz comunista, respeito os quais dificilmente se afirmam, além que na classe política, na cultura e nas consciências, reflexões capazes de cavar profundamente, seja sobre razões das atrocidades cometidas, seja das suas falências e nos processos de revisão das ideias que estavam à base daquela sociedade.

No desenvolver da história, no segundo 900, temos assistido a queda das grandes utopias nascidas da ideia comunista a qual haviam aderido imponentes massas de homens e mulheres e muita parte da cultura ocidental. Na Itália até 1989 era presente o mais forte partido comunista da Europa. Com a queda do muro de Berlim e com a implosão do império soviético, não teve continuação, como era desejável, uma adequada busca política e cultural, e uma admissão de responsabilidade sobre as razões da falência de uma utopia que animou centenas de milhões de homens e mulheres.

-

Na Polónia (que viveu todos os dois totalitarismos), o presidente Lech Kaczynski assinou o emendamento do código penal (art.256) que proibirá além da “... propaganda por regimes fascistas ou por qualquer outro regime totalitário ou lance de apelo ao ódio sob base nacional, racial, religiosa...”, até a propaganda e a difusão de símbolos comunistas: a pena prevista é de até dois anos de reclusão.

-

Assim como a Itália, ao final da Segunda Guerra Mundial e a derrota do nazo- fascismo, introduziu a proibição da apologia do fascismo, assim agora outros países percorrem os seus caminhos para fazer o esvaziamento do passado, aprender através da história.

Nos perguntamos: Um fato assim importante pode ser considerado da maneira de uma questão interna da Polónia e passar em silêncio, acima de tudo, no nosso país, a Itália, onde a cultura comunista teve, e por fatores continua a ter tanto peso? Os políticos ex comunistas e os intelectuais de esquerda não têm nada a dizer, ou no máximo, declararão que é dever dos históricos aprofundar?

Nós pensamos seja o caso de não estender nenhum véu sobre a notícia porque acontecimentos dessa grandeza interrogam a consciência de cada pessoa, tanto mais quando se tem responsabilidade política e deveriam fazer refletir a todos que, de qualquer maneira colocados, têm no coração o destino do homem e a busca constante da verdade. Não se trata tanto e somente de aprovar e solidarizar com os poloneses, quanto ao mais de abrir, também na Itália, mais e melhor de quanto não tenha sido feito no passado. Um processo que faça realmente as contas com a responsabilidade de muita parte da esquerda e abrir uma estação realmente fértil para o país.

É uma nossa proposta. Uma proposta que certamente encontrará acolhência e aprovação em muitas consciências, porque se dirige a um momento no qual urge a ansiedade de falar, de dar à verdade sufocada mais pelas hipocrisias do que pelos medos. Não excluimos que entre as premissas da nossa externalização pressiona também o desejo de um confronto. As adesões, que a partir desse momento esperamos, não o excluem, muito pelo contrário, desejamos como dialética portadora de contribuições e aperfeiçoamentos.

Vittorio Stringi.